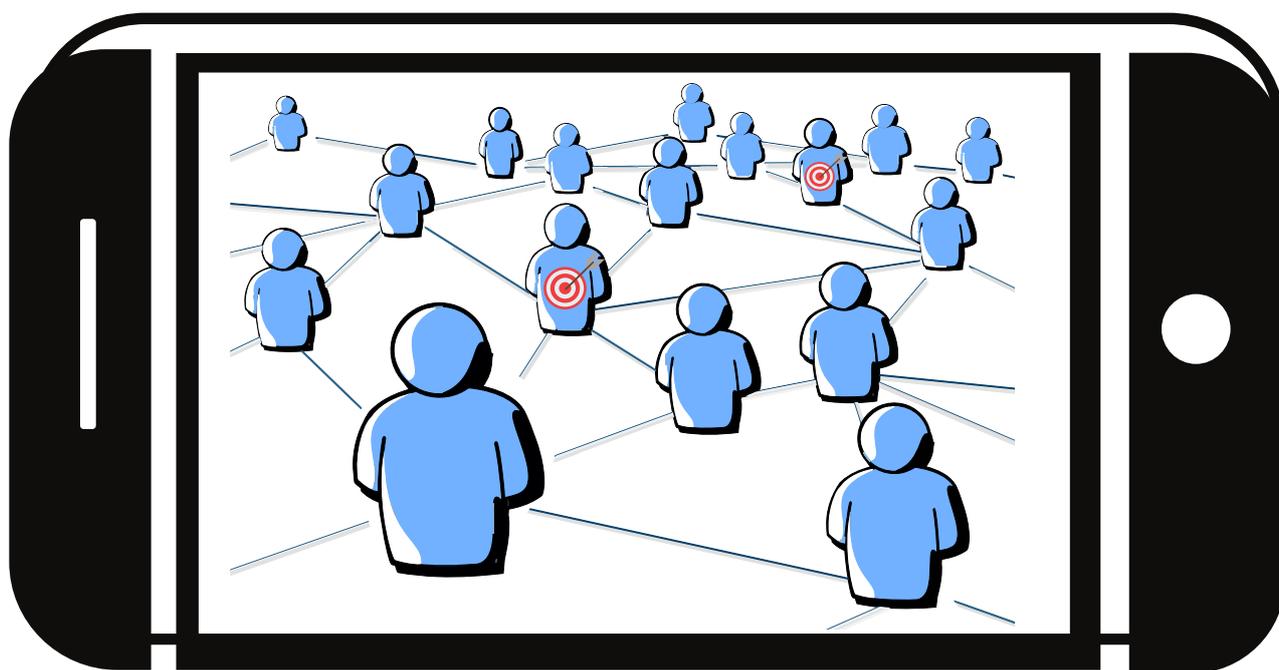


CYBERBULLYING EM PORTUGAL DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19



Raquel António
Rita Guerra
Carla Moleiro

SUMÁRIO

A utilização de plataformas digitais está associada a diversos benefícios (e.g., aumento do bem-estar pessoal), mas o cyberbullying é um dos riscos mais comuns associados à mesma. O cyberbullying consiste na utilização da tecnologia para assediar, ameaçar ou vitimizar outra pessoa de forma repetida e intencional. Este tipo de bullying realizado através de meios digitais pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora, para além dos portões das escolas; possibilita o anonimato do/a agressor(a) e pode gerar diversos efeitos negativos nas vítimas, como ansiedade.

Em 2017, um estudo realizado pela Unicef [1] revelou que uma em cada três crianças afirmavam ter sido vítimas de cyberbullying e que uma em cada cinco crianças deixou de ir à escola devido ao mesmo. Em Portugal, o relatório EU Kids Online 2019, que inquiriu jovens entre os 9 e 17 anos, revelou que o cyberbullying predomina sobre o bullying cara a cara. Mais de um quinto dos que sofre deste tipo de agressão indicou que esta ocorre várias vezes por mês, através de chamadas, mensagens ou por outra via.

Durante o período de confinamento decorrente da pandemia do Covid-19, vários especialistas alertam para o facto de milhões de crianças e jovens terem sido afectadas pelo fecho de escolas, passando a ter aulas e socializar mais online, deixando-as mais vulneráveis e expostas a serem vítimas de cyberbullying.

A principal contribuição deste estudo será analisar a frequência de cyberbullying por jovens portugueses durante a pandemia do coronavírus.

[1] https://www.unicef.pt/global-pages/_/porfimaviolencia-nas-escolas/

Por favor use esta referência para citar este trabalho: António, R., Guerra, R., & Moleiro, C. (2020). *Cyberbullying em Portugal durante a pandemia do Covid-19*. Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL, ISCTE-IUL).

METODOLOGIA E AMOSTRA

Os questionários estiveram disponíveis online entre junho e julho de 2020, podendo ser respondidos em qualquer local. Podia responder ao questionário qualquer pessoa a frequentar um nível de ensino e teria de ter mais de 16 anos de idade. A divulgação do questionário ocorreu de várias formas, mas sobretudo através de divulgação em redes sociais como o Twitter, Facebook e Instagram.

Sexo	%
Feminino	83,7
Masculino	16,3

Nível de Ensino	%
Ensino Básico	1,4
Ensino Secundário	62,5
Ensino Superior	36,1

Participaram neste estudo **485 estudantes**, de todos os distritos de Portugal e ilhas, sendo a maioria de Lisboa (29%), 12% do Porto e 11% de Setúbal. 83,7% dos participantes eram do **sexo feminino**, com **idades** entre 16 e 34 anos (Média = 18,44). Importa referir que existiu uma sobre representação das participantes do sexo feminino nesta amostra.

Relativamente ao **nível de ensino**, 62,5% frequentava o ensino secundário, 36,1% o ensino superior e 1,4% o ensino básico. Neste sentido, existiu uma sobre representação de participantes no ensino secundário nesta amostra.

Distrito	%
Aveiro	5,6
Beja	1,2
Braga	6,2
Bragança	1,9
Castelo Branco	1,9
Coimbra	1,6
Évora	2,9
Faro	4,1
Guarda	0,8
Leiria	3,9
Lisboa	29,1
Portalegre	0,4
Porto	11,8
Santarém	9,7
Setúbal	10,5
Viana do Castelo	1,2
Vila Real	1
Viseu	1,6
Açores	2,9
Madeira	1,6

METODOLOGIA E AMOSTRA

Estatuto Socioeconómico	%
O rendimento actual permite viver confortavelmente	41,4
O rendimento actual dá para viver	42,1
É difícil viver com o rendimento actual	12,8
É muito difícil viver com o rendimento actual	2,3
Não sei	1,4

Nacionalidade	%
Portuguesa	97,5
Outra	2,5

Orientação Sexual	%
Heterossexual	73
Gay/Lésbica	5,6
Bissexual	12,8
Tenho dúvidas	4,7
Não quero responder	1,6
Outra	2,3

A maioria dos participantes tinha **nacionalidade** portuguesa (97.5%).

Em relação ao **estatuto socioeconómico**, 42.1% dos participantes afirmou que o rendimento actual da sua família dá para viver e 41,4% revelou que o rendimento actual permite viver confortavelmente.

A maioria dos participantes **identificou-se** como heterossexual (73%), 13% como bissexual, 6% como gay ou lésbica e os restantes 8% identificaram-se com outra orientação sexual, têm dúvidas ou não quiseram responder.

Quando questionados acerca da **frequência com que utilizam a internet**, sem ser na telescola ou ensino à distância, 99% dos participantes afirmou utilizar a internet todos os dias.

TEMPO PASSADO, EM MÉDIA, POR DIA, A NAVEGAR NA INTERNET (SEM SER NA TELESCOLA)

44.7%

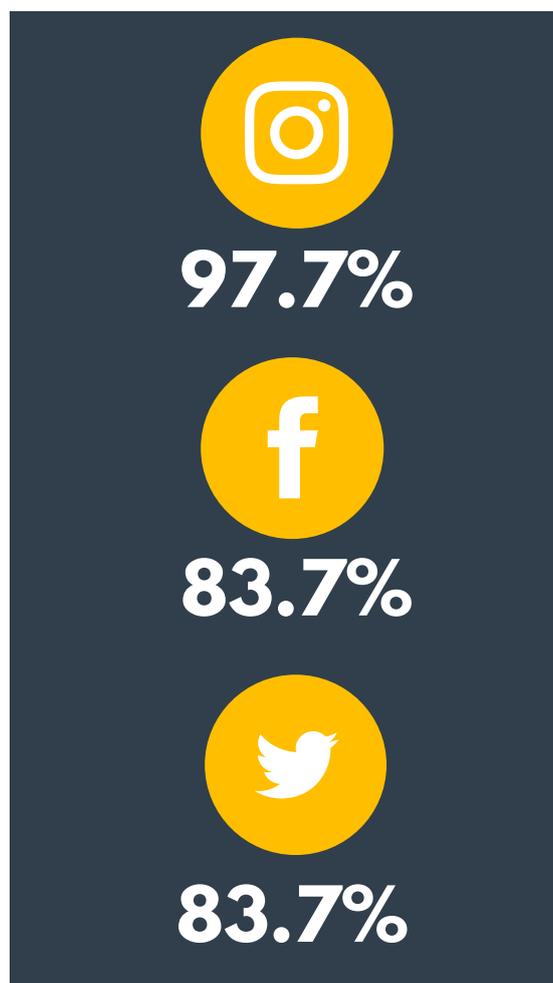
Uma parte substancial dos/as estudantes (44.7%) passou mais ou menos 6 horas a navegar na Internet, sem ser em telescola ou ensino à distância.

TIPO DE CONTEÚDOS VISTO COM MAIOR FREQUÊNCIA NA INTERNET

O tipo de conteúdo que a maioria dos/as alunos/as afirmou ver com mais frequência foram as redes sociais (94.8%), seguido de sites de entretenimento, como blogs ou YouTube (72.6%).



EM QUE REDES SOCIAIS TENS PERFIL?



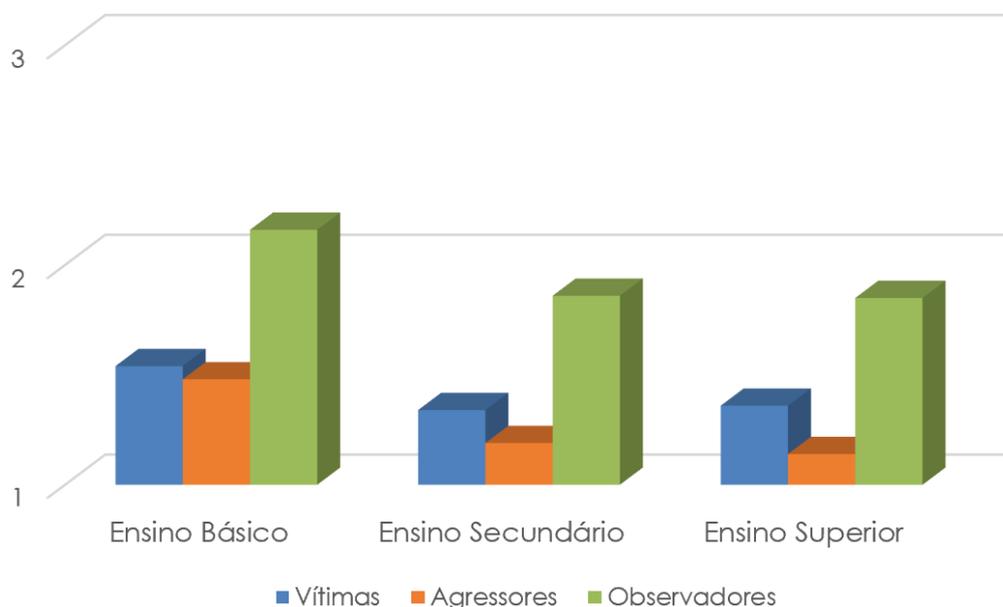
A rede social mais utilizada pelos/as participantes foi o Instagram (97.7%), seguido do Facebook (83.7%) e Twitter (83.7%).

EXPERIÊNCIA DE ESTAR NO PAPEL DE VÍTIMA, AGRESSOR/A, OBSERVADOR/A DA VÍTIMA, PELO MENOS ALGUMAS VEZES, NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES



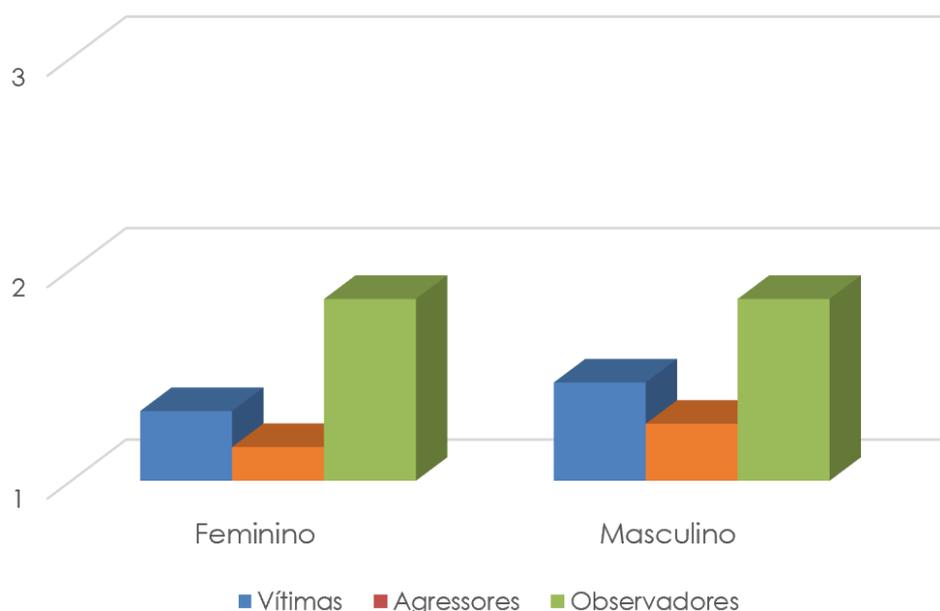
Dos 485 estudantes, 614% afirmou ter sido vítima de cyberbullying, pelo menos algumas vezes, nos últimos 3 meses (durante o período de quarentena/telescola); 40.8% afirmou ter sido agressor/a e 86.8% observador/a.

NÍVEL DE ENSINO E OCORRÊNCIA DE CYBERBULLYING



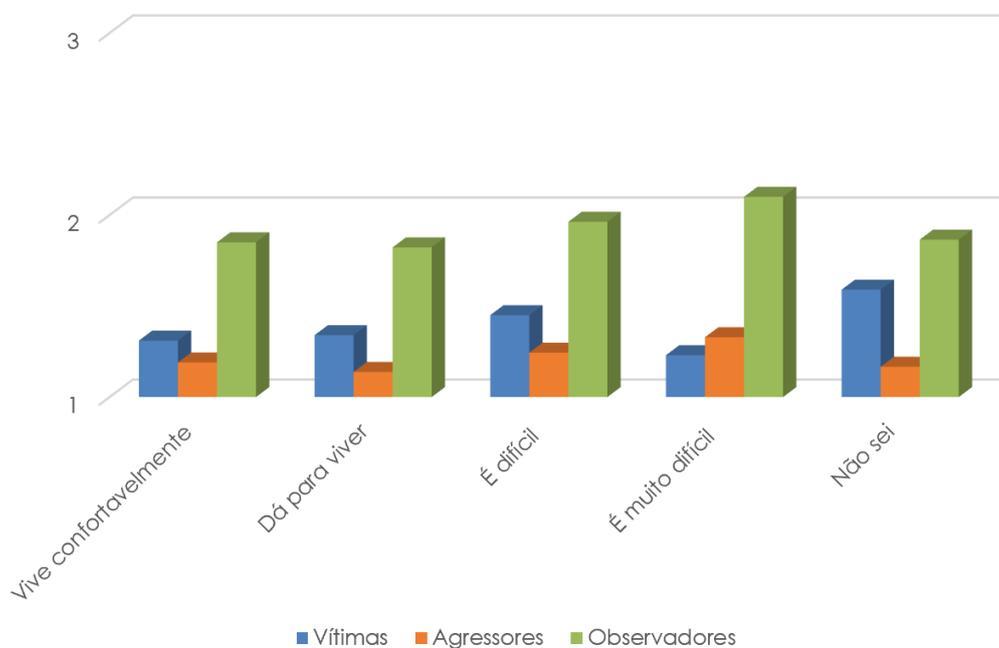
Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre aqueles/as que foram agressores por nível de ensino. Os estudantes do ensino básico apresentaram maiores níveis médios de agressão por cyberbullying ($M= 1.5$), comparados com os estudantes do ensino secundário ($M= 1.2$) e superior ($M= 1.1$).

SEXO DOS/AS PARTICIPANTES E OCORRÊNCIA DE CYBERBULLYING



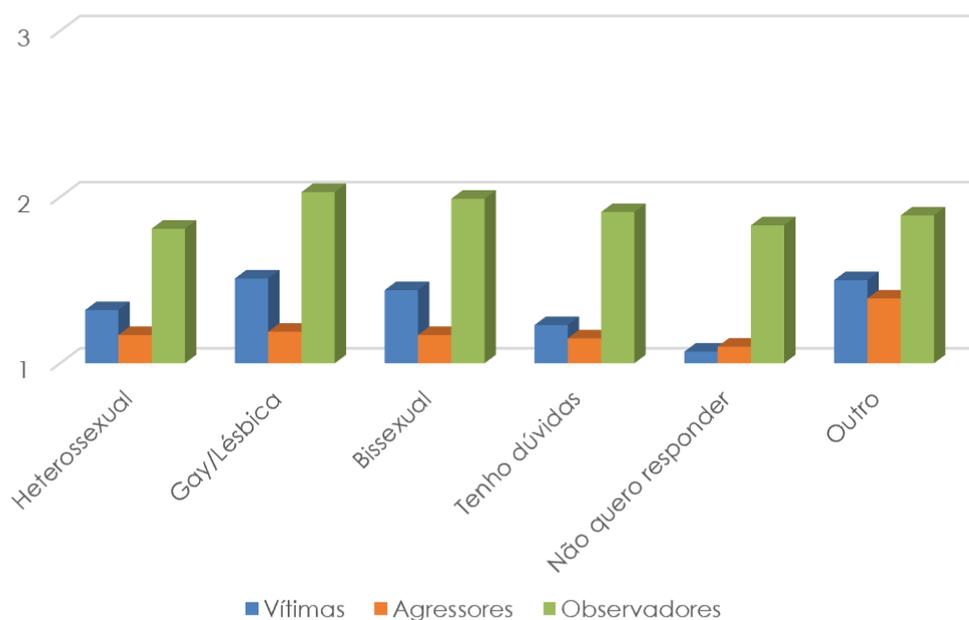
Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nos/as estudantes que foram vítimas e que foram agressores por sexo dos participantes. Os estudantes do sexo masculino apresentaram maiores níveis médios de vitimização ($M= 1.5$) e agressão por cyberbullying ($M= 1.3$), comparados com as estudantes do sexo feminino ($M= 1.3$ e 1.2).

ESTATUTO SOCIOECONÓMICO E OCORRÊNCIA DE CYBERBULLYING



Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nos/as alunos/as que foram vítimas por estatuto socioeconómico dos participantes. Os estudantes que consideraram difícil viver com o rendimento actual da sua família e os que não sabem apresentaram maiores níveis médios de vitimização por cyberbullying (M= 1.5 e M= 1.6), comparados com os outros estudantes.

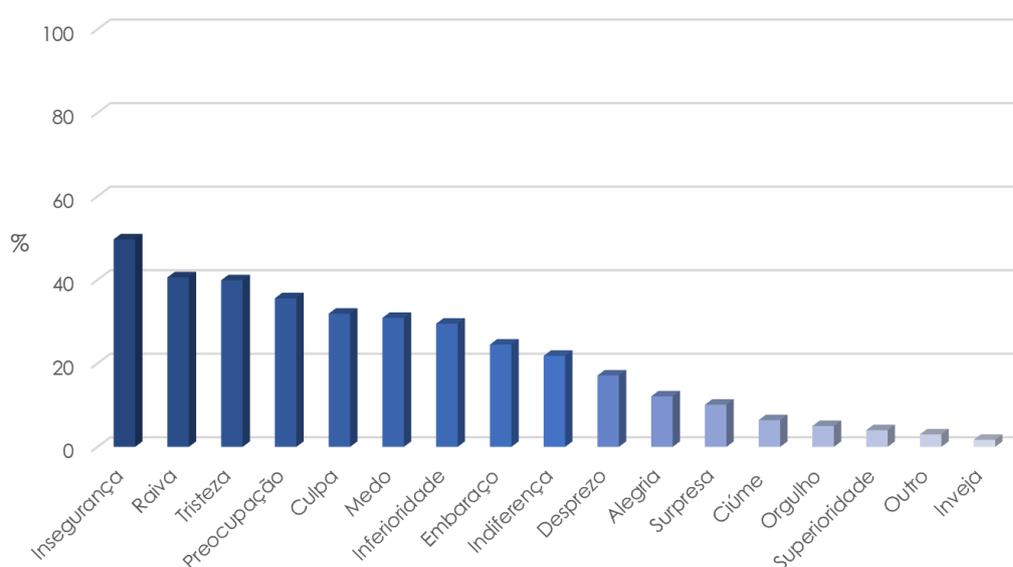
ORIENTAÇÃO SEXUAL E OCORRÊNCIA DE CYBERBULLYING



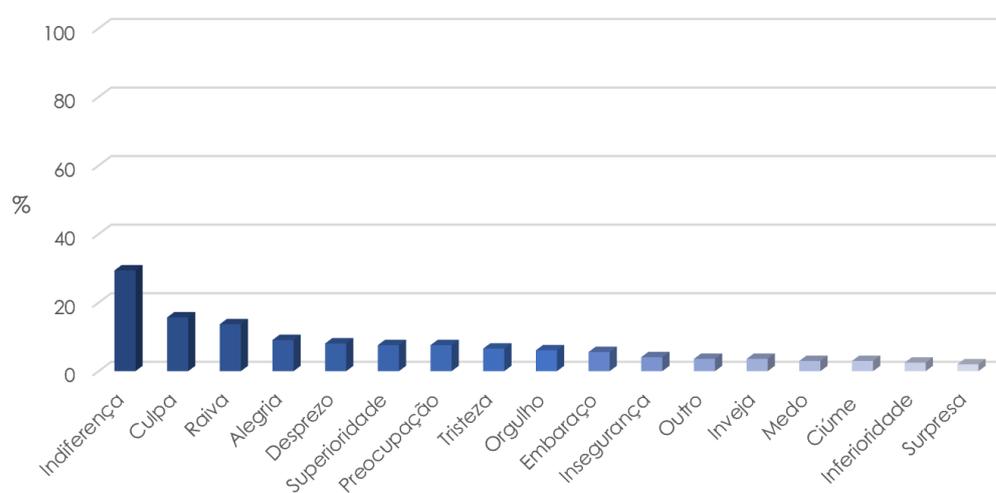
Relativamente à orientação sexual dos participantes, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nos/as alunos/as que foram vítimas e observadores/as. Os estudantes gays/lésbicas apresentaram maiores níveis médios de vitimização e observação de cyberbullying ($M= 1.5$ e $M= 2$), comparados com os outros estudantes.

EMOÇÕES E SENTIMENTOS DECORRENTES DO CYBERBULLYING

As emoções mais frequentemente referidas pelos/as alunos/as que foram vítimas de cyberbullying foram insegurança (49.7%), raiva (40.6%), tristeza (39.9%) e preocupação (35.6%).



As emoções mais frequentemente referidas pelos/as alunos/as que foram agressores/as foram indiferença (29.4%), culpa (15.7%), raiva (13.7%) e alegria (9.1%).



MOTIVOS DOS/AS AGRESSORES/AS

Quanto aos motivos identificados pelos/as alunos/as que foram agressores/as que os/as levaram a praticar cyberbullying, o motivo mais indicado foi “por brincadeira” (41.1%), seguido dos motivos “por vingança relativamente a episódios que aconteceram” (23.9%) e “porque quis afirmar-me” (10.2%).



OBSERVADORES: COMO IMPEDIRAM A CONTINUIDADE DESSAS SITUAÇÕES?

Entre os estudantes que observaram situações de cyberbullying nos últimos 3 meses, 51.2% afirmou ter feito algo para impedir a continuidade dessas situações e 47.1% afirmou não ter feito nada.

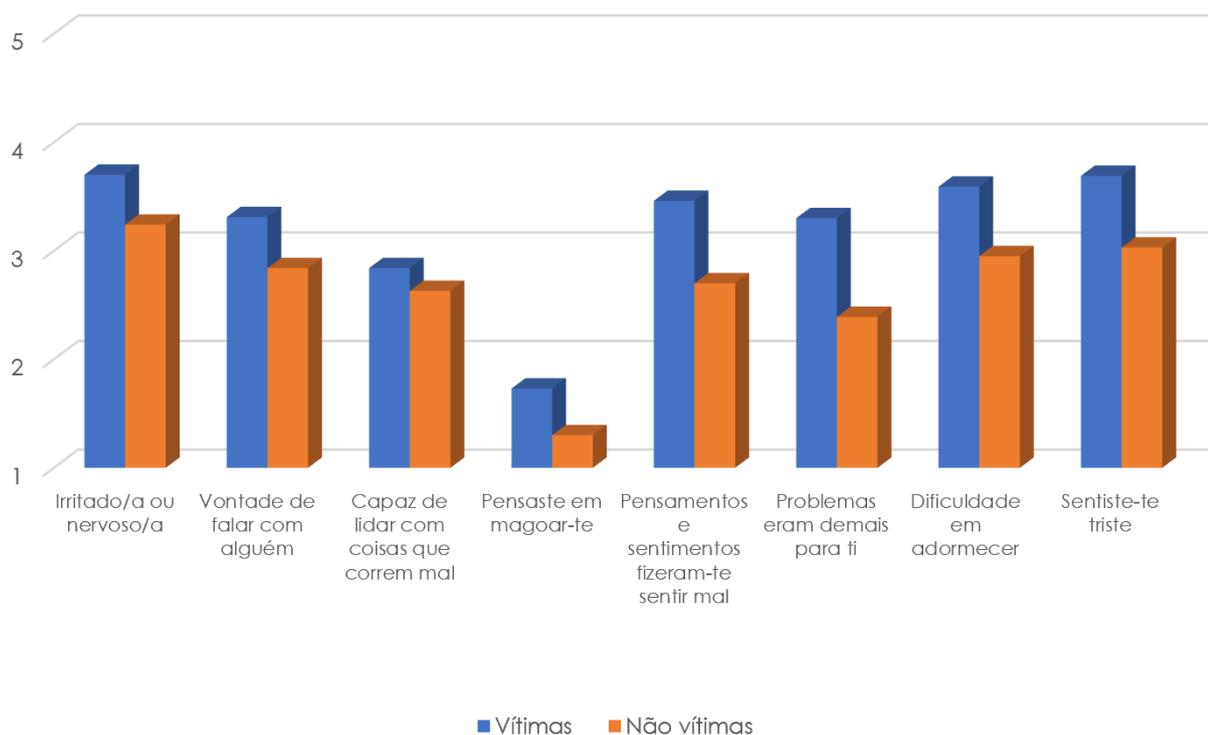


*Fez algo para
impedir a
continuidade do
cyberbullying*

Entre os estudantes que observaram situações de cyberbullying e fizeram algo para impedir, 29.7% afirmou ter apoiado a vítima, 9.3% usou outra forma, 5.5% aconselhou a vítima a contar a alguém de confiança e 5.3% afirmou ter tentado perceber a gravidade da situação.

CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre alunos/as que foram vítimas e não-vítimas, em nove das dez consequências presentes no questionário.



Os/as estudantes que foram vítimas de cyberbullying apresentaram maiores níveis médios de consequências psicológicas (e.g., “Sentiste-te irritado(a) ou nervoso(a)” e “Sentiste-te triste”), comparados com os estudantes que não foram vítimas.



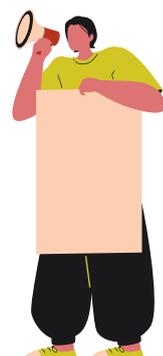
MENSAGENS E CONTEÚDO PREJUDICIAL E VIOLENTO ONLINE DURANTE A PANDEMIA

59%

Mais de metade dos estudantes (59%) considerou que existiu um aumento de mensagens e conteúdo prejudicial e violento online.

“Sim. O facto de tantas pessoas terem de estar em casa, deixa mais tempo livre pra espalhar ódio nas redes sociais”

Rapaz, 20 anos



“Sim. As pessoas não só têm mais tempo livre por causa da quarentena como também estão mais stressadas e ansiosas e nem todos expressam esses sentimentos da melhor forma”

Rapariga, 20 anos

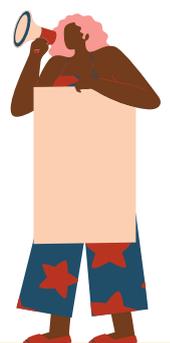
MENSAGENS E CONTEÚDO PREJUDICIAL E VIOLENTO ONLINE DURANTE A PANDEMIA

37%

Cerca de um terço dos estudantes (37%) considerou que não existiram mais mensagens e conteúdo prejudicial e violento online durante a pandemia.

“Sinceramente não, acho que toda a negatividade nas redes sociais não aumentou com o coronavírus, manteve-se a de sempre.. Infelizmente”

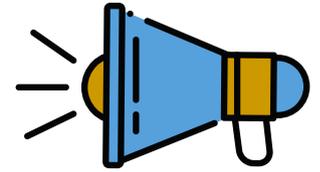
Rapariga, 17 anos



“Não, penso que está igual, quem era mau para os outros assim continuou, quem tinha decência não é por estar em quarentena que mudou”

Rapariga, 16 anos

OUTROS COMENTÁRIOS E SUGESTÕES



“Basicamente fui gozada pelo meu corpo na internet, recebi muitas mensagens a pedir para apagar porque era gorda, que não me devia sentir bem em ser como sou, outros mandaram-me fotos com teor sexual, e muitas mensagens com “devias-te matar” ou “se eu fosse como tu já me tinha matado” e coisas parecidas.”

Rapariga, 20 anos

“Na minha experiência quando se fala em cyberbullying é muito direcionado para quem o pratica e como é errado, se calhar comunicar também às gerações como lidar e como agir quando se é vítima, ajudará a combater.”

Rapariga, 18 anos

“Tenho uma história. Conheço uma rapariga que é perseguida e maltratada há anos por lhe terem exposto uns “nudes”, ainda há pouco tempo criaram uma conta para a expor, expor fotos, conversas, ofende-la (...) Tenho medo que situações assim façam adolescentes suicidarem-se.”

Rapariga, 16 anos

“Estou cansado de ver pessoas a humilharem-se umas às outras.”

Rapaz, 18 anos

“Parem com essa porcaria, não tem e nunca vai ter piada.”

Rapariga, 16 anos

CONCLUSÕES

Este estudo pretendia analisar a frequência de cyberbullying por jovens portugueses durante a pandemia do coronavírus (referente aos meses de Março - Maio 2020).

1

A maior parte dos estudantes afirma já ter sido vítima de cyberbullying

2

Os estudantes do sexo masculino apresentaram maiores níveis médios de vitimização e agressão por cyberbullying

3

Os estudantes que consideram difícil viver com o rendimento actual da sua família apresentaram maiores níveis médios de vitimização por cyberbullying

4

Os estudantes gays/lésbicas apresentaram maiores níveis médios de vitimização e observação de cyberbullying

5

Os estudantes que foram vítimas de cyberbullying apresentaram maiores níveis médios de consequências psicológicas, comparados com os restantes estudantes

6

Mais de metade dos estudantes considera que existiu um aumento de mensagens e conteúdo prejudicial e violento online durante a pandemia.

PONTOS A RETER



1. A internet e as redes sociais são utilizadas frequentemente pelos jovens portugueses.
2. As diferenças encontradas relativamente ao sexo, orientação sexual e nível de ensino apesar de significativas são encontradas numa amostra onde há sobre representação de participantes do sexo feminino, a frequentar o ensino secundário e participantes heterossexuais e é, por isso, importante recolher mais dados com amostras mais abrangentes.
3. É necessário ter em conta as consequências psicológicas decorrentes do cyberbullying.
4. Revela-se importante trabalhar com os observadores para que intervenham mais frequentemente quando assistem a episódios de cyberbullying.
5. Os dados do presente estudo suportam a necessidade de criação de veículos de redução das mensagens e conteúdo prejudicial e violento online, bastante visível pelos jovens durante o período de quarentena.